



A LINGUAGEM TRANSCENDENDO PALAVRAS: AWARENESS SEMÂNTICA

10.62506/phs.v6i1.279

Language transcending words: semantic awareness

LUCIANE PATRÍCIA YANO *

El lenguaje que trasciende las palabras: conciencia semântica

Resumo: Este capítulo explora a awareness semântica como um aspecto importante para a criação de relações autênticas e profundas na prática terapêutica e na comunicação humana. Inspirada na perspectiva dialógica de Martin Buber e na fenomenologia, a awareness semântica é apresentada como uma habilidade que vai além do significado literal das palavras, integrando a intencionalidade, a afetividade e o contexto. Ao escutar o que é dito e o que fica implícito, o terapeuta é convidado a uma escuta sem julgamentos, permitindo que o cliente se expresse plenamente. Por meio de uma prática relacional e humanista, a linguagem transcende sua função informativa, transformando-se em um meio de conexão autêntica e acolhimento do outro. No desenvolvimento do conceito de awareness semântica, o capítulo aborda o papel da poesia, do diálogo interno e das metáforas como recursos para aprofundar a compreensão das experiências e a expressão genuína do self. Esses elementos facilitam uma comunicação mais integrada entre o verbal e o não verbal, promovendo uma compreensão relacional em que cada palavra é acolhida em sua totalidade e singularidade. A linguagem, nesse contexto, se revela como uma ponte que conecta o ser com o outro, transcendendo o campo das palavras para criar um espaço de encontro e transformação.
Palavras-chave: Linguagem - Semântica - Dialógica - Fenomenologia - Awareness.

Abstract: This chapter explores semantic awareness as an important aspect for creating authentic and profound relationships in therapeutic practice and human communication. Inspired by Martin Buber's dialogical perspective and phenomenology, semantic awareness is presented as a skill that goes beyond the literal meaning of words, encompassing intentionality, affectivity, and context. By listening to what is said and what is implied, the therapist is invited to listen without judgment, allowing the client to fully express themselves. Through a relational and humanistic practice, language transcends its informative function, transforming into a means of authentic connection and welcoming the other. In developing the concept of semantic awareness, the chapter discusses the role of poetry, internal dialogue, and metaphors as resources to deepen the understanding of experiences and the genuine expression of the self. These elements facilitate more integrated communication between the verbal and non-verbal, promoting a relational understanding in which each word is embraced in its entirety and uniqueness. Language, in this context, reveals itself as a bridge connecting the self with the other, transcending the realm of words to create a space for encounter and transformation.

Keywords: Language - Semantics - Dialogical - Phenomenology - Awareness.

Resumen: Este capítulo explora la conciencia semântica como un aspecto importante para crear relaciones autênticas y profundas en la práctica terapêutica y en la comunicación humana. Inspirada en la perspectiva dialógica de Martin Buber y en la fenomenología, la conciencia semântica se presenta como una habilidad que va más allá del significado literal de las palabras, abarcando intencionalidad, afectividad y contexto. Al escuchar tanto lo que se dice como lo que se implica, el terapeuta es invitado a escuchar sin juicios, permitiendo que el cliente se exprese plenamente. A través de una práctica relacional y humanista, el lenguaje trasciende su función informativa, transformándose en un medio de conexión autêntica y de acogida al otro. Al desarrollar el concepto de conciencia semântica, el capítulo analiza el papel de la poesía, el diálogo interno y las metáforas como recursos para profundizar la comprensión de las experiencias y la expresión genuína del yo. Estos elementos facilitan una comunicación más integrada entre lo verbal y lo no verbal, promoviendo una comprensión relacional en la que cada palabra es acogida en su totalidad y singularidad. El lenguaje, en este contexto, se revela como un puente que conecta el yo con el otro, trascendiendo el ámbito de las palabras para crear un espacio de encuentro y transformación.
Palabras clave: Lenguaje - Semântica - Dialógico - Fenomenología - Conciencia.

* Universidade Federal do Acre (UFAC). Email: patricia.yano@ufac.br . Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-7901-0765>



As Palavras no Palco

Para escrever este capítulo sou tocada pelas experiências de cada início de uma nova turma na supervisão de estágio clínico supervisionado, no serviço-escola de psicologia da Universidade Federal do Acre. É o momento quando vivencio um misto de sensações em que figuram curiosidade e pressa. Essas sensações, que emergem do contato com os supervisionandos são, nostalgicamente, familiares para mim: memórias da minha própria experiência enquanto psicoterapeuta em formação.

Um dos maiores desafios que encontro em cada supervisão é convidar os terapeutas em formação a escutarem suas próprias palavras. Muitos, acostumados a um modo acelerado e automático de falar, parecem ter anes-tesiado o encanto de escutá-las, incluindo o silenciar. No contexto do serviço-escola de psicologia, o exercício de transcrever acaba por se tornar outro fardo: diante dos tantos “tenho quê”, palavras e mais palavras formam um barulho, por vezes, incompreensível. Perde-se a grande graça de ser psicoterapeuta: escutar com abertura para o desdobramento dos sentidos. Foi dessa experiência que escolhi, dentre os processos psicológicos básicos, escrever sobre a linguagem e, mais especificamente, tecer reflexões sobre a *awareness* semântica, trazendo ao palco a palavra e seu sentido. E, para tal, realizar interlocução destes com a Dialógica Buberiana, a fenomenologia e o conceito de *awareness* em Gestalt-terapia.

Quando falo em escutar a palavra, refiro-me a ouvir tanto a palavra quanto o intervalo entre elas — aquele silêncio (Yano, 2023), seja breve ou prolongado, carregado de significado. Escuto a entonação, a ênfase, a forma como a palavra é pronunciada. Percebo também a escolha das palavras: o uso de termos tabus ou palavrões, que frequentemente carregam uma intensidade elevada por conta das normas sociais e culturais que as cercam; ou o uso de eufemismos, que suavizam impactos que, de outra forma, seriam mais contundentes.

Escutar a palavra é um caminho de desconstrução, para a construção de uma nova forma que inclui a sua palavra e a palavra do outro, ambas curiosamente apreendidas. A palavra que uma pessoa articula está repleta de sentidos integrados pelas suas experiências de vida. E nela moram afetos que ali se abrigaram. A palavra é, portanto, uma morada de afetos e de intencionalidade.

As palavras capturam nuances emocionais e experiências que são exclusivas das culturas que as originaram, demonstrando a beleza e a profundidade da diversidade linguística. Diferentes línguas, diferentes palavras, sentidos únicos lançando estéticas. Algumas palavras evocam sensações específicas e únicas que são intraduzíveis (Sanders, 2014). Aqui estão alguns exemplos:

Tabela 01: palavras com sentidos únicos em diferentes línguas
 Fonte: Sanders (2014). Tradução livre

 Aware [Japonês]: perceber algo bonito e efêmero.	Boketto [Japonês]: olhar vagamente para o vazio, sem pensar em nada específico.
Forelsket [Norueguês]: contatar a alegria de estar apaixonado.	Gurfá [Árabe]: reter uma quantidade de água em uma mão.
Hiraeth [Galês]: ansear nostalgicamente por um lar que nunca se poderá voltar ou que talvez nunca tenha existido.	Jayus [Indonésio]: escutar uma piada tão sem graça que só resta rir.
Kilig [Tagalog]: Experimentar algo romântico que produz sensação de borboletas no estômago.	Komorebi [Japonês]: Ver a luz do sol ser filtrada pelas folhas das árvores.
Meraki [Grego]: Fazer algo com alma, criatividade e amor, tornando-a parte de si.	Naz [Urdu]: Sentir orgulho e confiança oriundos da aceitação incondicional de alguém
Razliubt [Russo]: Sentir um agridoce provocado pelo término de uma paixão.	Saudade [Português]: Sentir profunda nostalgia e melancolia por algo ou alguém ausente.
Vacilando [Espanhol]: Experimentar a viagem como mais importante que o destino.	Wabi Sabi [Japonês]: Apreciar a beleza como imperfeita, incompleta e impermanente.

As línguas do mundo não apenas expressam ideias e objetos, mas também moldam como seus falantes percebem e compreendem a realidade. Caleb Everett, em suas pesquisas sobre línguas amazônicas como o Tupi Kawahib, revela que conceitos frequentemente considerados universais, como tempo, espaço e números, variam amplamente entre culturas. Enquanto algumas línguas possuem uma rica terminologia para descrever o tempo, outras, como o Tupi Kawahib, carecem de uma definição clara desse conceito.



Essas variações linguísticas, conforme discutido por Everett (2017, 2023), questionam a ideia de uma experiência humana universal e destacam o papel da linguagem na organização das experiências e compreensões culturais do mundo. Suas investigações sublinham a relevância da diversidade linguística para o estudo das relações entre linguagem e cognição, evidenciando como os idiomas moldam diferentes formas de pensar e interagir com a realidade.

A linguagem é um tecido de significados interligados a uma visão de mundo específica, e cada tentativa de tradução é, ao mesmo tempo, um ato de interpretação, que inevitavelmente reflete escolhas sobre o que destacar, omitir ou adaptar. Assim, traduzir não é meramente passar palavras de um idioma para outro, mas buscar reconstruir sentidos dentro das limitações e possibilidades do sistema linguístico de destino.

Na língua japonesa por exemplo, o conceito de *Ma* 間, que é composto pelos elementos “porta” (門) e “sol” (日), vai além de um simples intervalo ou pausa; ele encapsula a ideia de espaço significativo, um vazio que carrega potencial, expressão e significado. *Ma* é o silêncio entre as notas musicais, a pausa no diálogo, o espaço entre os elementos de um arranjo artístico. Não se trata de ausência, mas de presença do vazio, que permite que o restante se destaque e seja compreendido em sua totalidade. Traduzir o *Ma* para outra língua é um desafio que evidencia uma verdade essencial: nenhuma tradução é absolutamente literal. Não se traduz um sistema linguístico ou cultural em sua totalidade, mas sim aproximações que tentam capturar as nuances do original.

A Linguagem como Processo Psicológico Básico

Enquanto a palavra (unidade) é um elemento particular, a linguagem (sistema) abrange a forma como essas palavras se combinam e se interrelacionam para transmitir significados complexos, emoções, intenções e sutilezas culturais – a semântica.

A linguagem, como sistema, vai além das palavras isoladas; ela incorpora também tons, gestos, silêncios e contextos que conferem profundidade e riqueza à comunicação humana. Sendo um processo psicológico essencial, a linguagem tece a trama de nossa experiência, dando forma não apenas ao que expressamos, mas também ao modo como sentimos, intencionamos e compreendemos o mundo.

Mais do que simples troca de informações, ela carrega emoções, intenções e significados moldados pelas interações que vivemos e pelos contextos únicos de cada ser. Escutar a palavra e seu processo, com profundidade é um convite para reconhecer a complexidade desses processos, permitindo que vejamos a fenomenologia individual com maior clareza e compreensão.

A linguagem é como um espelho dos processos psicológicos básicos, refletindo ideias de espaço, tempo, matéria, causalidade, sexualidade, intimidade, poder, justiça, divindade, degradação, perigo, bem-estar e liberdade. Cada um desses conceitos está impregnado na forma como usamos as palavras, que, ao mesmo tempo, revelam e constroem nossa percepção de realidade. Em nossa percepção e cognição, conceitos espaciais e temporais, como “perto”, “longe”, “antes” e “depois”, nos ajudam a navegar e dar sentido ao mundo. A causalidade e a matéria, codificadas em verbos como “causar”, “mover”, “criar” e “destruir”, desenham nosso entendimento sobre as forças e transformações do mundo.

A linguagem, como um sistema de símbolos vivos, permite que os seres humanos expressem e compartilhem pensamentos, sentimentos e experiências, sendo essencial para moldar nossa percepção e ação no mundo. Segundo Hayakawa (1972), a linguagem possui três funções centrais: a função informativa, que transmite informações objetivas e descreve o mundo; a função emotiva, que expressa emoções e cria pontes afetivas entre as pessoas; e a função diretiva, que orienta e influencia comportamentos por meio de pedidos e instruções.

“Eu estou feliz”

A linguagem possui uma **função informativa**, que se refere à capacidade de transmitir informações objetivas ou descrever a realidade. Quando uma pessoa diz “eu estou feliz”, está informando sobre seu estado emocional, compartilhando um dado percebido como verdadeiro naquele momento. Essa afirmação descreve a vivência interna do falante, traduzindo-a em palavras compreensíveis pelo outro. Assim, a função informativa permite a construção de uma ponte intersubjetiva, transformando experiências subjetivas em mensagens claras e acessíveis, fundamentais para o entendimento mútuo.

A **função emotiva** da linguagem expressa sentimentos e cria conexões afetivas entre as pessoas. Quando alguém diz “eu estou feliz”, o tom de voz, a expressão facial e o contexto reforçam o componente emocional da mensagem, permitindo que o ouvinte perceba e talvez compartilhe a alegria do falante. Essa função dá visibilidade à qualidade experiencial do momento vivido, ampliando o campo de relação e empatia. A linguagem, nessa função, transcende o mero compartilhamento de dados, tocando diretamente as emoções do interlocutor e promovendo laços afetivos.

Por fim, a **função diretiva** orienta e influencia comportamentos, mesmo quando não há uma instrução explícita. No exemplo “eu estou feliz”, o falante, de forma implícita, pode sugerir uma reação do ouvinte, como perguntar o motivo da felicidade, celebrar junto ou ajustar o tom da interação para algo mais positivo. Essa função reflete como a linguagem atua como um convite à ação, organizando o comportamento do outro de maneira sutil e eficaz. Dessa forma, a função diretiva demonstra o poder da linguagem em moldar interações e influenciar a dinâmica relacional.

A linguagem emocional expressa nossos afetos mais profundos: palavras como “amor”, “desejo” e “paixão” evocam estados intensos, enquanto termos como “medo”, “risco” ou “ameaça” despertam respostas psicofisiológicas,



fundamentais à sobrevivência e ao equilíbrio. Quando falamos de bem-estar, usamos termos como “segurança”, “saúde” e “felicidade”, que refletem e sustentam nosso estado emocional.

Os princípios de poder e justiça, impregnados de sentidos sociais e políticos, surgem em palavras como “autoridade”, “direito”, “equidade” e “liberdade”, que orientam nossas tomadas de decisões e motivam nossas ações. E o livre-arbítrio, tão essencial à experiência humana, se manifesta em escolhas verbais como “decidir”, “escolher” e “determinar”. Crenças e valores, como as ideias de “sagrado”, “profano”, “honra” e “vergonha”, ancoram-se na linguagem, trazendo à tona o que é considerado básico à nossa visão de mundo.

Essas compreensões, que inicialmente se formam na teia das relações humanas, revelam seu significado profundo por meio de uma relação dialógica e uma escuta fenomenológica, em que a palavra ganha energia, vida e sentido no campo da experiência compartilhada.

Perspectiva Dialógica sobre a Linguagem

Quando Martin Buber [1878-1965] explorou sobre o mundo que falamos, ele apresentou a linguagem sob três formas de existência: como continuidade presente, posse potencial e ocorrência atual. Essas formas ilustram o modo dinâmico como a linguagem se manifesta na experiência humana e revelam sua natureza viva e interativa. Buber (1974) sublinha que a linguagem não é apenas um instrumento de transmissão de informações, mas um meio pelo qual a existência do outro é acolhida e respeitada no diálogo.

Em sua obra fundamental *Eu e Tu*, Buber (1974) explora a profundidade das relações humanas por meio do conceito de “diálogo genuíno”, que ele descreve como uma troca em que ambos os participantes se abrem para o encontro autêntico. No contexto da awareness semântica, o “Eu-Tu” de Buber não se refere a uma mera conversa, mas a uma presença plena e uma escuta profunda do outro, como um ser completo e autônomo, em oposição ao “Eu-Isso”, que objetifica o interlocutor. No trabalho terapêutico, essa compreensão de Buber sobre a comunicação autêntica inspira práticas que promovem o vínculo e o acolhimento do cliente em sua totalidade, transformando a linguagem em um canal de desenvolvimento de espontaneidade.

No encontro do diálogo “Eu-Tu”, Buber revela o valor da comunicação que nasce da autenticidade, no qual o outro é acolhido em sua inteireza, visto não como objeto, mas como um ser com existência própria, um fim em si mesmo. Nesse espaço, o diálogo autêntico se torna um encontro profundo, um convite à presença, enquanto o monólogo permanece no território da superfície, centrado em si, distante do contato.

A crítica de Buber (1974) ao individualismo e à objetificação centraliza-se no uso distorcido da linguagem, que reduz o outro a um “Isso”, negando sua plena humanidade. Em contraste, a relação “Eu-Tu” promove uma linguagem vivificante que reconhece a singularidade do outro, baseada em mutualidade, presença e autenticidade, essencial para uma existência autêntica. Ele observa que a sociedade moderna enfatiza predominantemente a relação “Eu-Isso”, em que as interações são utilitárias e objetificantes, resultando em distanciamento e alienação. O verdadeiro diálogo, segundo Buber, exige presença genuína e abertura mútua, permitindo uma troca viva que valida o outro em sua totalidade.

A perspectiva da relação Eu-Tu emerge por meio de uma linguagem que convida à presença e à reciprocidade. Nesse encontro, as palavras são carregadas de vida e significado, reconhecendo o outro em sua totalidade. Em contraste, a relação Eu-Isso opera com uma linguagem que reduz o outro a um objeto, descrevendo-o e categorizando-o, distanciando-se do contato autêntico.

O diálogo genuíno é o espaço onde a linguagem se torna encontro, e as palavras surgem espontâneas, revelando o ser e sustentando a presença verdadeira. Em sua ontologia da relação, as palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso não são meras expressões; elas instauram modos distintos de existir: o Tu convoca o campo da mutualidade e da presença viva, enquanto o Isso delimita um espaço de separação e objetificação, afastando o encontro genuíno.

A comunicação genuína floresce no diálogo, em que cada palavra é um ato de entrega e de abertura, um instante de presença mútua que respira. Buber reconhece a dança entre o diálogo e o monólogo, vendo no diálogo genuíno um caminho de conexão viva, no qual as palavras, livres e significativas, têm o poder de tecer um espaço de compreensão e de respeito recíproco.

Para Buber (Biemann, 2002) a experiência humana se enraíza em uma habilidade única: o distanciamento primordial, um movimento que permite ao ser humano perceber o mundo como uma unidade independente e inteira. Esse distanciamento, porém, não é isolamento; ele abre o caminho para a relação. Em uma simultaneidade viva, a pessoa, ao reconhecer o mundo em sua autonomia, entra em contato com ele de forma contínua e significativa. Assim, distanciamento e relação se entrelaçam, permitindo uma interação profunda que se reflete na própria linguagem – tanto como expressão de uma separação essencial quanto como um elo que nos conecta ao todo da existência.

A linguagem para Buber, pulsa como princípio vital da existência humana, em que o “distanciamento primordial” e a “entrada em relação” se entrelaçam num movimento essencial de criação de sentido. Esse distanciamento permite ao sujeito perceber o mundo em sua alteridade, nomear suas experiências e, assim, dar forma aos significados que emergem. Em contrapartida, a entrada em relação abre espaço para o ato de comunicação autêntica, na qual a troca de sentidos constrói uma compreensão compartilhada, refletindo a intersubjetividade como campo de encontro. A linguagem distingue o ser humano, permitindo que ele transcenda o imediato e explore as dimensões do abstrato, desenhando um campo de conhecimento que se organiza e se partilha. E, além de ser um veículo para o entendimento, a linguagem toca o espírito, expressando o vivido e o sagrado, e conectando as presenças num



campo de realidade profunda e partilhada (Biemann, 2002).

A palavra e a linguagem se revelam então como portas para que o ser autêntico de cada um venha à tona e a comunicação flua espontaneamente, como expressão genuína do encontro. Buber diferencia a imposição – que sufoca o verdadeiro eu do outro – do desdobramento, que é o caminho do crescimento mútuo e profundo. O diálogo autêntico diálogo autêntico, para ele, deve estar livre de máscaras e pretensões, sendo um convite à presença genuína e à aceitação da existência do outro. Assim, o entendimento mútuo floresce a partir da autenticidade e da entrega, em que a palavra e a linguagem são instrumentos de uma presença verdadeira, que nutre o campo relacional e permite que o ser real de cada um se revele por inteiro (Buber, 1957).

A ética da intersubjetividade em Buber se revela na linguagem do encontro, em que o Eu-Tu é tecido com responsabilidade e reconhecimento mútuo. As palavras, nesse contexto, carregam uma presença viva e tornam-se veículos de moralidade, pois é por meio delas que os seres humanos se comprometem genuinamente uns com os outros. No diálogo autêntico, a linguagem além de comunicar, cria um espaço onde a ética emerge como compromisso real, sustentando o vínculo e a integridade do encontro (Friedman, 2002).

Atitude Fenomenológica na Escuta da Palavra

A atitude fenomenológica propõe que a experiência direta e subjetiva seja o ponto de partida para compreender o cliente, valorizando como os fenômenos emergem na consciência e como o “eu” se constitui na interação com o mundo. Essa abordagem nos permite adentrar mundos pessoais que não são nossos, compreendendo as vivências e significados que cada pessoa carrega dentro de seu contexto social e individual.

Segundo Holanda (1997), a atitude fenomenológica é uma escuta ativa e uma observação sensível, em que o terapeuta suspende julgamentos e interpretações, permitindo que os fenômenos apareçam em sua forma autêntica. Esse estado de abertura exige a epoché, ou suspensão de julgamentos, o que facilita uma compreensão pura e desprovida de preconceitos da experiência do cliente. Nesse contexto, “ir às coisas mesmas” significa captar as nuances e significados das palavras na forma como o cliente as traz, percebendo que toda consciência é intencional e sempre direcionada a algo específico. Essa escuta intersubjetiva transforma a relação terapêutica em um campo de entendimento mútuo, promovendo uma conexão profunda e empática com o cliente.

A awareness semântica, ou consciência semântica, é uma expressão direta dessa intencionalidade da consciência, pois envolve a capacidade de perceber e atribuir significados às experiências e conceitos de forma consciente e intencional. A redução fenomenológica, método essencial dessa abordagem, permite que o terapeuta suspenda seus preconceitos e se aproxime da essência do que é trazido pelo cliente, oferecendo uma percepção mais pura dos significados sem que sejam distorcidos por interpretações prévias. A prática dessa atitude fenomenológica exige que o terapeuta esteja plenamente presente ao que o cliente expressa, acolhendo sua subjetividade em sua totalidade.

Amatuzzi (2009) reforça a importância dessa escuta dialógica e compreensiva, na qual a autonomia e a subjetividade do cliente são acolhidas e valorizadas. Esse enfoque humanista se traduz em uma conexão autêntica e empática, no qual o mundo vivido do cliente é honrado e sua autonomia é respeitada.

Dessa forma, a fenomenologia não só oferece uma base teórica para a prática humanista, mas promove uma escuta que revela os significados subjacentes, enriquecendo o encontro terapêutico e fomentando uma compreensão verdadeira e transformadora.

Awareness Semântica

A *awareness* semântica nos convida a olhar com curiosidade para as palavras que usamos e os significados que elas carregam. Imagine uma cliente dizendo: “Não fui uma criança feliz.” O que será que “feliz” significa para ela? Talvez esteja falando de momentos de alegria, de relações, ou até de algo que faltou. Uma pergunta simples como “O que você lembra quando pensa nisso?” já pode abrir caminhos. Agora pense em alguém dizendo: “Sou uma pessoa vazia.” Será que ela sente falta de propósito, de emoções ou está se referindo a algo no corpo? Podemos perguntar: “Essa sensação tem uma cor ou textura para você?” E quando ouvimos “não consigo me expressar”, que tal explorar o que a impede: será que são as palavras, as emoções, ou a sensação de não ser ouvida? Por fim, “minha vida não faz sentido” é uma abertura para descobrir o que “sentido” representa — propósito, compreensão, ou algo mais. Essas palavras, quando ouvidas com atenção, podem nos guiar para conversas mais profundas e significativas, ajudando o cliente a entender e ressignificar suas experiências.

A *awareness* semântica, ou consciência semântica, é uma compreensão sensível e aprofundada do significado das palavras, essencial para a criação de relações autênticas. Inspirando-se na visão de Martin Buber sobre a linguagem como canal vivo para encontros genuínos, a *awareness* semântica nos permite não apenas expressar nossos pensamentos e sentimentos, mas também acolher plenamente o outro. Esse conceito envolve captar as nuances, intenções e emoções presentes na fala, percebendo que cada palavra carrega um universo de significados que se revela no contexto da interação.

Ao exercer a *awareness* semântica, o ouvinte é convidado a uma escuta ativa, desprovida de preconceitos e interpretações automáticas. Esse posicionamento permite uma comunicação mais verdadeira, em que cada palavra é compreendida em sua profundidade, e a linguagem cumpre seu papel de facilitadora de encontros humanos genuínos.



Essa atenção ao significado possibilita um diálogo autêntico, onde o outro é reconhecido em sua totalidade e singularidade, promovendo uma conexão que transcende a superficialidade e possibilita que o verdadeiro “eu” se manifeste.

Sanford (2006), em seu artigo “Semantics in Psychology”, explora as várias dimensões do significado linguístico, incluindo a semântica lexical (palavras isoladas) e a semântica de discurso (construção de significado em contextos amplos). Um conceito especialmente útil para a *awareness* semântica é a “subespecificação”, a compreensão de significados de forma prática e essencial, sem necessidade de análise completa a cada interação. Na prática terapêutica, essa ideia implica estar atento aos significados que surgem de forma espontânea e natural, ajudando o terapeuta a captar as palavras do cliente no nível necessário para a compreensão sem prejudicar o fluxo da interação.

De acordo com Sanford (2006), o significado das palavras e frases vai além da definição literal, sendo moldado pela forma como são utilizadas no contexto humano. A *awareness* semântica abrange desde a semântica lexical, que analisa palavras isoladas, até a semântica de discurso, que considera a conexão de frases em diálogos e narrativas mais amplas. Sanford distingue entre palavras de conteúdo (como substantivos e verbos), que trazem substância ao discurso, e palavras funcionais (como preposições e conectivos), que conectam ideias. Captar essas sutilezas nos ajuda a compreender a fluidez e o sentido do discurso nas interações.

Sanford também explora a noção de significado incorporado, destacando que os significados são moldados por nossas experiências físicas e contextos de vida. Isso reforça a importância da *awareness* semântica, que acolhe não só as palavras, mas o campo de significados emergente no contexto da interação.

O conceito de subespecificação, ou seja, captar os significados o suficiente para a compreensão imediata, nos ensina que nem todo significado precisa ser detalhado, mas sim acolhido no que é essencial para a conexão. Esse processo envolve uma escuta que se afasta de expectativas e julgamentos, permitindo que o significado genuíno se revele no encontro.

A subespecificação é como perceber uma figura emergindo no campo ao entardecer: você não enxerga todos os detalhes, mas o suficiente para que a Gestalt se forme e faça sentido. Não importa a cor da roupa ou a expressão do rosto, o contorno já é um convite à presença, à história que se desdobra no encontro, se você permitir que o contato se aprofunde. Imagine que um cliente diz: “Eu me sinto perdido, como se estivesse andando em um labirinto sem saída.” Nesse momento, o terapeuta não precisa compreender detalhadamente o “labirinto” – suas cores, formas ou mesmo sua configuração exata – para se conectar com a experiência emocional expressa pelo cliente. O sentido emergiu que é a sensação de estar perdido e sem direção.

Na perspectiva gestáltica, a *awareness* semântica é vista como um processo relacional, em que cada palavra é parte de um todo que compõe a experiência da comunicação. Assim como na Psicologia da Gestalt, a palavra individual (parte) é influenciada e enriquecida pelo contexto mais amplo (todo) da interação, e é somente na consideração desse todo que a compreensão plena emerge. A *awareness* semântica, portanto, convida o ouvinte a integrar tanto as nuances das palavras quanto o contexto maior, promovendo uma percepção holística que acolhe o encontro humano em toda sua profundidade.

A *awareness* semântica é um recurso vital para nutrir o campo relacional, transformando a palavra em uma expressão viva e autêntica do ser. Ao enriquecer o diálogo e fortalecer o vínculo, ela possibilita uma presença respeitosa e verdadeira, que valoriza a singularidade do outro e promove um crescimento mútuo. Essa consciência semântica sustenta o diálogo humano em sua essência, criando um espaço onde o significado pode florescer e o ser pode se desdobrar no campo do encontro.

[Alguns] Recursos Facilitadores da *Awareness* Semântica:

Poesia

A expressão poética emerge como um portal organísmico para a resolução de conflitos internos, funcionando como facilitadora da *awareness* semântica. Enquanto na verbalização neurótica, a fala dissipa a energia, encobrendo necessidades profundas e reprimindo-as, sem contato genuíno, sem *awareness* e, portanto, sem a autenticidade no campo de comunicação. A poesia, diferentemente, atua como uma fala concentrada e viva, uma expressão autêntica que integra sentimentos e ideias em uma Gestalt completa. É uma atividade organísmica, em que a fala não apenas comunica, mas organiza e assimila conflitos, dando forma às necessidades que se tornam presentes e podem ser experienciadas de modo autêntico. A poesia é uma expressão de perda do controle egóico. “A poesia é, portanto, o contrário exato da verbalização neurótica, pois é a fala como uma atividade orgânica que soluciona problemas, é uma forma de concentração” (Perls et al., 1997, p. 131).

Enquanto arte, a poesia incorpora o todo da experiência, expressando-se por meio de uma estrutura completa, com início, desenvolvimento e fim. Isso a distingue da fala cotidiana, que muitas vezes depende de elementos contextuais e do comportamento do ouvinte para se fazer completa. Na poesia, as palavras por si só carregam a experiência e o significado, intensificando a comunicação com ritmo, sentimento e imagens vivas. “Um poema resolve um problema que pode ser resolvido somente pela invenção verbal, ao passo que a maior parte da fala se dá em situações em que a solução exige também outros tipos de comportamento” (Perls et al., 1997, p. 131).

Na busca pela *awareness* semântica, a poesia revela-se como um caminho de encontro com os elementos genuínos da experiência, permitindo que o indivíduo distinga o que é autêntico daquilo que é um introjeto, uma voz que se instalou, mas não lhe pertence verdadeiramente. A poesia, assim, abre espaço para uma existência mais



plena, enquanto, em contraste, a verbalização neurótica se expressa como uma encenação retórica – reclamações, justificativas, críticas – padrões fixos que a pessoa repete em um cenário que não é real, mas imaginário. Esse automatismo rígido aprisiona o falante em cenas inacabadas e introjetadas, ilustrando um campo de comunicação desconectado e fragmentado, no qual a expressão autêntica não encontra seu espaço para florescer.

Diálogo Interno

Inspirado pela técnica da “Cadeira Vazia”, podemos convidar o cliente a explorar os diálogos internos entre as diferentes vozes de si. Em um espaço seguro, ele é incentivado a dar voz a cada parte, permitindo que uma expressão de si diga e outra responda, enquanto observa atentamente as palavras escolhidas, suas nuances e os significados que emergem com profundidade. Nesse encontro de partes, revela-se uma compreensão dos conflitos internos e dos introjetos que habitam seu campo, trazendo à luz a influência desses elementos na comunicação. É um momento de escuta integral, no qual cada parte é ouvida, e o self começa a clarear suas próprias intenções e caminhos.

Focando no “Aqui-Agora” da Linguagem

Podemos convidar uma pessoa a relatar sua experiência no momento presente, incentivando-o a usar a primeira pessoa e formas ativas e auto afirmativas básicas como «Eu estou...»; isto pode ajudar a fortalecer a conexão de alguém com o que está acontecendo naquele instante, facilitando a revelação de distorções linguísticas e interpretações introjetadas. Essa prática também pode ajudar na percepção da função da linguagem, que pode ser usada para defletir ou enfatizar certos aspectos da experiência.

Metáforas e Imagens Pessoais

Quando o cliente encontra nas metáforas e imagens pessoais um meio de traduzir sentimentos e situações que lhe parecem complexas, ele abre um canal para os significados profundos, aqueles que habitam o silêncio do que não está reflexivo. Nesse experimento, a *awareness* semântica emerge como quem nasce das profundezas, permitindo que as emoções fluam em palavras visualmente carregadas. Assim, o cliente desenha com palavras o contorno de suas sensações e, ao fazer isso, aproxima-se mais claramente do sentir que cada imagem ou metáfora desperta em seu ser. A metáfora se torna uma ferramenta existencial para o terapeuta, possibilitando a navegação pelas águas profundas dos sentimentos, pensamentos e experiências comunicadas, tocando a essência do ser humano em sua expressão mais autêntica.

Lakoff & Johnson (1980) em *Metaphors We Live By* revela como as metáforas estruturam nosso pensamento e como estas são fundamentais para compreender a experiência humana. No contexto da *awareness semântica*, as metáforas tornam-se ferramentas valiosas para acessar significados profundos e frequentemente implícitos nas palavras do cliente. Compreender e explorar as metáforas que o cliente usa em suas falas facilita o terapeuta a “entrar” na realidade subjetiva do cliente, captando as nuances de suas vivências emocionais. Essa prática também permite uma comunicação mais rica e autêntica, em que sentimentos complexos podem ser expressos e explorados.

A metáfora vai além da palavra: é uma ferramenta de contato com aquilo que é difícil ou doloroso de nomear, um meio de dar forma ao indizível. Ao transformar sentimentos complexos em imagens tangíveis, a metáfora permite que naveguemos por sombras internas, trazendo clareza onde antes havia escuridão. Ela organiza conceitos com base em nossa experiência física e cultural, refletindo os valores que moldam uma cultura. No espaço terapêutico, escutar as metáforas dos clientes revela padrões semânticos profundos, trazendo à tona crenças, medos e desejos. Assim, a linguagem se torna um espelho do mundo interior, o qual o terapeuta, ao escutar atentamente, penetra no sentido profundo das palavras.

Desconstrução de Introjetos

O terapeuta pode convidar o cliente a mergulhar nas palavras que ele tantas vezes repete – “eu devo”, “eu não posso” – e, juntos, desvelam as origens dessas vozes. Quem as colocou ali? De onde nasceram essas crenças? Nesse movimento, facilitamos o desatar de nós antigos da fala, revelando o que é realmente sentido e acreditado. É um caminho delicado e precioso, em que a autenticidade floresce no discurso, e o self encontra uma voz mais verdadeira, uma fala que nasce de dentro, atualizado dos ecos do passado.

Linguagem Corporal

Pela observação atenta dos gestos e movimentos que dançam junto às palavras, o cliente pode perceber as mensagens semânticas escondidas e as incongruências entre o que fala e o que seu corpo expressa. Esse experimento pode expandir a *awareness* semântica, convidando a uma coerência entre a fala e o corpo, entre o dizer e o sentir, facilitando uma comunicação mais plena e integrada, em que o verbal e o não verbal possam caminhar juntos.

Amplificação e Exploração de Palavras

O terapeuta pode convidar o cliente a dar voz aos sentimentos, a repetir e a falar mais alto, explorando diversos tons e palavras alternativas para tocar a mesma experiência. Nesse mergulho nas camadas da fala, o cliente descobre as sutilezas que cada tom carrega, percebendo como as nuances verbais podem moldar o sentido e a per-



cepção de suas palavras. Nesse exercício, desvela-se uma *awareness* semântica mais profunda, na qual cada variação da expressão traz à luz novos contornos da emoção, revelando o que antes estava em silêncio.

Contatando a minha palavra

Imagine por um instante as palavras que você usa para falar sobre si mesmo. Como elas soam? São leves, como uma brisa que afaga, ou pesadas, como uma pedra que você carrega? Agora pense nas palavras que ficam não ditas, escondidas entre os espaços do silêncio. Elas também têm vida, histórias e significados que aguardam para emergir no encontro.

A *awareness* semântica nos convida a estar atentos não apenas ao que é dito, mas ao universo que cada palavra carrega. Mais do que sons articulados, as palavras são como portais, abrindo caminhos para afetos, memórias e intenções. Quando um cliente diz: “Não sou capaz”, o que será que ele quer realmente expressar? É o medo do julgamento? A dor de falhas passadas? Ou talvez a falta de suporte no presente? Ao escutarmos com curiosidade e sem pressa, abrimos espaço para que o sentido floresça.

Além da Palavra

Na sociedade atual, impregnada de pressa e ansiedade, há uma busca incessante por respostas imediatas e certezas rígidas, sustentando o positivismo que oferece soluções prontas e verificáveis. No entanto, essa perspectiva, ao tentar reduzir a complexidade do ser a dados e observações superficiais, acaba por ignorar a profundidade e a riqueza das experiências pessoais e das relações autênticas. Paradoxalmente, é ao aceitar o ser como ele é, ao nos entregarmos ao diálogo genuíno e ao explorar a essência do encontro inter-humano, como sugeriu Martin Buber, que nos aproximamos de um caminho mais verdadeiro para o cuidado e a plenitude.

Aqui, a *Awareness Semântica* assume uma importância significativa, pois permite que cada palavra seja acolhida e compreendida em sua totalidade, revelando as nuances e ressonâncias que vão além das definições superficiais. Essa consciência é potencialmente transformadora: ela aprofunda as interações, facilita um diálogo autêntico e promove uma conexão genuína entre as pessoas, tornando o encontro mais humano e vivo.

Resgatar essa autenticidade e a profundidade do vínculo humano, que transcende a análise científica fria e rígida, é um caminho contra a superficialidade e o distanciamento que dominam o cotidiano contemporâneo. Ao promovermos uma escuta mais plena e um diálogo que respeita a complexidade do outro, construímos uma coletividade mais consciente e humanamente conectada, em que o humano encontra espaço para se expressar e se expandir.

Ao fim deste caminho, reconheço que a linguagem, em sentido profundo e ativo, transcende a palavra dita ou escrita. Ela não se limita a estruturas fixas ou à simples transmissão de ideias; é um campo vivo, um espaço de encontro, a qual cada gesto verbal se torna uma abertura para a experiência compartilhada. Na psicoterapia, a palavra se expande para além do “Isso”, do fixo, e se revela como um fluxo contínuo de significados, em que o que se diz e o que se escuta criam juntos uma realidade viva e cocriada.

Estar presente no “ser-com-outro” é atualizar a continuidade da existência, em que cada palavra, cada silêncio, é uma expressão de nossas profundezas. Nesse presente contínuo, encontramos o potencial de cada experiência já vivida, ecoando e esperando ser redescoberta, ressignificada e elevada. No diálogo, a palavra se torna espaço de transformação, acolhendo o passado, habitando o agora e abrindo-se para o novo.

A linguagem se frutifica em sua ocorrência atual, transcendendo o som e como um ato de doação e de presença. É na troca genuína que ela floresce, atravessando o espaço entre o falante e o ouvinte, envolvendo, tocando e transformando ambos. A palavra, aqui, não pertence a nenhum de nós individualmente; ela reside no entre, no espaço oscilante onde o encontro ganha forma e significado. A linguagem é viva, atualizante e atualizadora.

Transcender as palavras é compreender a linguagem como um movimento criativo, que se forma e se renova no fluxo do diálogo. Na escuridão da incerteza, na fricção do encontro, a palavra se transforma em poesia, em criação. E no *entre* da palavra e do silêncio, descobrimos o sentido, o propósito e a beleza da linguagem enquanto vida que pulsa e nos une. Assim, a linguagem vai além do que pode ser capturado em palavras. Ela se torna presença, diálogo, um testemunho da experiência compartilhada, a qual a continuidade e a totalidade da existência se revelam em cada encontro.

Finalizo este artigo com um convite para que cada leitor se permita resgatar o encanto e a profundidade do encontro humano que a palavra proporciona. Assim como nas primeiras sessões de supervisão clínica, em que o exercício de ouvir a própria voz e a voz do outro exige coragem e paciência, também a *awareness* semântica se desdobra como um processo contínuo, em que cada palavra ganha peso, cor e sentido.

A escuta qualitativa, que transcende o simples conteúdo verbal, exige que estejamos presentes ao momento e à pessoa diante de nós. É por meio da atenção ativa ao que é dito, ao que silencia e ao que se revela nas entrelinhas que o diálogo terapêutico se torna um campo fértil para a transformação. Na relação Eu-Tu, como nos ensinou Buber, cada encontro é uma oportunidade de sermos tocados pelo outro em sua totalidade, com suas nuances e complexidades, abrindo espaço para uma comunicação que, além de compreender, acolhe.

Que cada futuro terapeuta se permita a descoberta da linguagem como uma expressão viva de si e do outro, uma ponte para acessar o campo relacional em sua riqueza. E que, na prática da escuta, possamos constantemente recordar a importância da *awareness* semântica: um meio para promover encontros genuínos, na



qual a palavra deixa de ser apenas som e se transforma em um caminho de compreensão e de conexão profunda. Assim, a prática psicoterapêutica se eleva, revelando-se para além de um ato técnico, mas com sentido humano e transformador.

Referências

- Amatuzzi, M. M. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia* (Campinas, SP), 26(1), 93-100. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000100010>
- Amatuzzi, M. M. (2016). *O resgate da fala autêntica na psicoterapia e na educação*. Campinas, SP: Átomo e Alínea Editora.
- Biemann, A. D. (2002). Distance and Relation (1950). In Asher D. Biemann (Org.), *The Martin Buber Reader* (pp. 206-213). https://doi.org/10.1007/978-1-137-07671-7_20
- Buber, M. (1965). Elements of the Interhuman. In M. Friedman (Ed.). *The Knowledge of Man: A Philosophy of the Interhuman* (pp. 62-78). New York: Harper & Row.
- Buber, M. (1974). *Eu e Tu* (N. A. Von Zuben, Trad., 2ª ed. revista). São Paulo: Editora Moraes. (Trabalho original publicado em 1923)
- Everett, C. (2017). *Numbers and the making of us: Counting and the course of human cultures*. Harvard University Press.
- Everett, C. (2023). *A myriad of tongues: How languages reveal differences in how we think*. Oxford University Press.
- Friedman, M. S. (2002). *Martin Buber: The life of dialogue*. London, UK: Routledge.
- Hayakawa, S. I. (1972). *A linguagem no pensamento e na ação*. São Paulo, SP: Pioneira.
- Holanda, A. (1997). Fenomenologia, psicoterapia e psicologia humanista. *Estudos de Psicologia*, 14(2), 33-46. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/5788>
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. University of Chicago Press.
- Perls, F. S., Hefferline, R. F., & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus Editorial .
- Sanders, E. F. (2014). *Lost in translation: An illustrated compendium of untranslatable words from around the world*. New York: New York, NY: Ten Speed
- Sanford, A. J. (2006). Semantics in psychology. In *Encyclopedia of Language & Linguistics* (2nd ed., Vol. 11, pp. 141-148). Amsterdam, Netherlands: Elsevier.
- Yano, L. P. (2023). Silenciar e meditar no contínuo do aqui-agora. Gestalt-terapia e espiritualidade. In Paulo de Tarso de Castro Peixoto (Org.), *Gestalt-Terapia e Espiritualidade* (pp. 60-91). Rio de Janeiro: Ecovie Edições.

Recebido em: 12.04.2024 – Aceito em: 03.12.2024